

UM PRESENTE DE NATAL?

Ela é jovem, pobre, está no universo informal do mercado de trabalho, é doméstica, é dona de casa, é comerciária, está no subemprego ou não trabalha e depende exclusivamente do marido ou companheiro. Tem entre 18 a 40 anos. São essas as características de 90% das mulheres que registram queixas na Delegacia de Proteção à Mulher.

Estava indo para a escola e foi surpreendida pelo ex-namorado, residente na rua D, número 30, com murros por todo o corpo e tapas no rosto. Ele não admite o fim do namoro, a ameaçou de morte e diz que ela não pode ficar com mais ninguém. Este é um exemplo extraído dos registros da Delegacia. São aproximadamente mil reclamações por mês.

Ali é possível constatar que a mulher é vista como propriedade, como objeto do homem. É fácil verificar que a violência contra a mulher continua sendo um problema sério entre nós, embora, em termos proporcionais aquelas agressões não produzam tantos óbitos quanto o que ocorre com os homens.

É diante de um quadro nada alvissareiro que analisamos a capa da revista Playboy de dezembro de 2001. As letras L e A do título da publicação são cobertas pela cabeça de Scheila Carvalho que, com as mãos apoiadas contra um chão de estúdio, tem seu corpo projetado, diagonalmente, na capa. Porta uma coleira dourada e uma tanga. Sobre os seus seios nus, em dourado, há pinturas de coelhos, símbolo da Playboy. Como manchete de capa lê-se:

Nosso presente de natal já vem desembrulhado (Scheila Carvalho)

**Com direito à lourea Luize Altenhofen
E mais 12 mulheres sensacionais. Em um pacote
de 29 páginas.**

Abaixo da manchete principal é anunciado:
As gostosas da casa dos artistas nuas

**Mari Alexandre, Nana Gouvêa e Núbia
Olive, (o que você só veria embaixo do edredom)**

2001 foi um ano que muito se publicou sobre os corpos ocultos das mulheres do Afeganistão. Aquela ocultação era prova de um conjunto de absurdos, entre os quais, a dominação da mulher, os maus tratos, a falta de direitos em relação ao seu próprio corpo. Talvez, numa leitura superficial, a mulher ocidental, representada pela nudez, possa ser tomada como um modelo inverso daquele conjunto de absurdos. Mas será que aquela mulher, anunciada como um presente desembrulhado, não seria apenas uma das versões da mulher objeto? Da mulher que sofre com a dominação masculina?

Parece que em um aspecto essas duas mulheres se igualam: ambas têm que recitar um papel socialmente previsto. Todas duas são levadas a corresponder a um conceito de mulher. Uma, por ser objeto, deve estar nua. Outra, por ser objeto, deve estar inteiramente vestida. Nas duas situações, as duas mulheres têm as suas peles decididas por terceiros: um, religioso, lhe impõe um corpo oculto, e outro, mercadológico, paga pela sua nudez.

Enquanto isso, outros terceiros, querem essas duas mulheres para si. Como presentes de natal com embrulho e sem embrulho.